

Clarissa Campello Ramos

Professora adjunta do Curso de Artes Visuais da UNIVASF, artista visual e autora das fotos de capa e divisões internas da revista.

E-mail: clarissa.campello@univasf.edu.br

Cercas elétricas me deprimem. Cercas elétricas são o retrato de nossa sociedade, da óbvia desigualdade social, da desconfiança e a da covardia.

Estamos vivendo em condomínios fechados, como antigos feudos medievais. Só nos sentimos seguros dentro de espaços constantemente vigiados, como shopping centers, por exemplo. A rua se tornou o lugar da ameaça, do enfrentamento, do medo do desconhecido. Carros são, de preferência, blindados.

Quando fui convidada para criar imagens para a revista *Extramuros* pensei que seria interessante mostrar o que já é visível. Michel Foucault disse um dia que “o papel da filosofia não era tanto tornar visível o que era invisível, mas fazer-nos ver o que já é visível e que os nossos olhos reprimem. Há tantas imagens perfeitamente visíveis que não podemos ver.”

Cercas elétricas atestam a falência do espaço público, do espaço de convivência e da troca, da amizade, do diálogo com o outro. Não existe conhecimento sem troca, principal objetivo dos programas de extensão e também desta revista. Não quero viver em um sistema pautado na desconfiança e no medo.

A presença do outro é uma incógnita permanente, não posso prever seu comportamento, o outro é este imprevisível, esta ameaça, esta incoerência que possui vontade própria e que permanece incontrolável e inacessível. O outro pode ser desagradável, estúpido e desobediente, agressivo e espaçoso. Sua proximidade é excessiva, perigosa, invasiva e incômoda. Mesmo quando é agradável, compreensivo, surpreendente, espirituoso e fascinante é seu distanciamento e desaparecimento inevitável que infernizam minha existência.

Já dizia o grande Guimarães Rosa que “viver é muito perigoso”, ainda assim acredito que vale a pena correr este risco.